

Sinal de menos » Zenir Campos Reis

Resumo As cartas de Graciliano Ramos pertencem basicamente à esfera de sua relação familiar, ou de amizade, portanto da esfera privada. No entanto, podem constituir documento acessório para decifrar certos pormenores do processo de elaboração de sua obra literária. A feitura de *S. Bernardo* está particularmente contemplada nessa correspondência. Este artigo detém-se no exame das referências históricas dessas cartas, para compreender como se tecem literariamente no romance.

Palavras-chave Graciliano Ramos » cartas » gêneros literários

Abstract *The letters of Graciliano Ramos mainly belong to his private life, his relationship with family and friends. However, they help us to understand some of the details of the creation process of his literary works, especially that of S. Bernardo. This article focuses on the historical references of these letters in order to understand how they are woven into the romance.*

Key words *Graciliano Ramos » letters » literary genres.*

Não creio que o homem que penava a noite inteira numa frase, enchendo o grande aposento de Croisset com caminhadas de fera enjaulada e com sonoros brados, o homem que ofegava numa página o mês inteiro, talhava, forjava seu estilo como um metal, se desesperava por causa de uma assonância e arrancava os cabelos sobre um período, numa palavra o escritor impecável, que só entregava ao público obras esculpidas e trabalhadas durante anos e, a custa de trabalho, tornadas perfeitas, não creio que este homem se interessaria em ver-se impresso ao vivo no estilo pomposo e frouxo de suas cartas.

Essas considerações dizem respeito à divulgação da correspondência amorosa de Flaubert e foram publicadas dia 12 de maio de 1887 por Jean Lorrain (pseudônimo de Paul Duval [1855-1906])¹. O leitor da carta costuma ser singular: uma pessoa da esfera das relações particulares. Trata-se de uma relação primária, isto é, direta, face a face, com troca direta e viva de palavras, modalizadas por inflexões e por gestos, que podem alterar completamente o sentido das palavras, em sua definição de dicionário. Por isso, a carta pessoal parece sempre metonímica: alude mais que explicita, pois pressupõe aquela interação mais plena com o interlocutor. Contém alusões privativas, restritas a uma intimidade que não se destina, em princípio, ao público.

Eventualmente, nas cartas de um representante de uma coletividade, uma instituição, a Companhia de Jesus por exemplo, ou as primeiras comunidades cristãs, a relação é coletiva, mas mesmo assim o leitor partilha com o autor da carta de valores, um vocabulário comum, e, em alguns casos, de um passado de relações também primárias e diretas. Mesmo as epístolas de Paulo, por exemplo, pertencentes ao cânon do *Novo testamento*, sofrem esta limitação: “Supondo sempre a catequese oral anterior, o autor às vezes se restringe a uma explanação muito incompleta que devia ser clara aos destinatários imediatos, mas que para nós se tornou obscura e incompreensível”².

Há cerca de vinte anos, em 1980, publicou-se uma primeira e até o momento coletânea única das *Cartas*, de Graciliano Ramos³, conjunto de cento e doze de um total, estimado por Joel Silveira, de “cerca de trezentas”⁴. James Amado, genro de Graciliano Ramos, encarregado da edição das cartas, incumbiu-se de esclarecer algumas dessas referências lacunosas, nem todas. Foram poupadas de identificação exata, por exemplo, algumas vítimas de caracterizações menos genéticas. A omissão deveu-se, talvez, ao respeito pelas pessoas envolvidas, ou, quem

- 1 LORRAIN, Jean.
La ville empoisonnée
(Pall-Mall Paris).
Paris: Éditions Jean Crès, 1936, p. 17.
- 2 *Novo testamento*
(Tradução do grego,
introduções e notas
de Pe. Dr. Frei Mateus
Hoepers, O.F.M.).
Petrópolis: Vozes,
1956, p. 379.
- 3 RAMOS, Graciliano.
Cartas. Rio de Janeiro:
Record, 1980.
- 4 SILVEIRA, Joel.
Tempo de contar. 2ª ed.
Rio de Janeiro:
Record, 1986, p. 165.
“Além das cartas —
cerca de trezentas —
Graciliano deixou
vários outros inéditos,
inclusive páginas
manuscritas de um
romance que não
chegou a concluir”

5 Graciliano Ramos era avesso à toda “coleção” Refere-se com graça aos “arquivos” de João Condé: “guarda fotografias e papéis inéditos de todo o gênero, da novela ao rol de roupa suja, do poema à carta de cobrança, autos de processo e correspondência amorosa, coisas obtidas pelos mais diversos meios: sorrisos, pagamento do café, do ônibus e do bonde, ameaças, gritos, carinhos, promessas, injúrias, [cócegas], apresentação a cavalheiros ponderosos e chantagens, pois o monstro conhece fidalgos estrangeiros e funcionários da polícia” “Os Romancistas falam de seus personagens”. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, dez. 1949, p. 2. Centro de Documentação Alexandre Eulálio —

sabe, as precisões, remotas, se tenham perdido. Terá pesado também o receio da utilização indiscreta daquelas miudezas.

Para o estudioso da literatura, essa correspondência permite o acesso ao canteiro de obras do trabalho, cuja qualidade de acabamento os leitores reconhecem e já vêm esquadrinhando há mais de seis décadas. A leitura dessas cartas confirma, com testemunho autoral, o cuidado e a auto-crítica como atitude permanente. Apreendemos um pouquinho do *modus faciendi* do escritor, sempre reservado, até avaro de indicações a esse respeito.

O mês passado abri o compartimento inferior da estante e encontrei lá um par de tamancos imprestáveis, uma coleção de selos e algumas resmas de manuscritos. Deitei fora os tamancos, dei os selos ao meu rapaz mais velho e queimei os papéis. Foi uma festa na cozinha. Os pequenos ajudaram-me com entusiasmo. E como o primeiro lamentasse a destruição de coisas que tinham dado tanto trabalho a fazer, o segundo respondeu com um senso que me encheu de espanto: — “Para que estas porcarias ocupando a estante?” Os outros acabaram concordando com ele e no domingo seguinte vieram perguntar-me se ainda havia papel para queimar. Não havia, que tive a fraqueza de poupar do fogo umas coisas velhas que me trazem recordações agradáveis e dois contos que andei compondo ultimamente, porque tenho estado desocupado e me imaginei com força bastante para fabricar dois tipos de criminosos. Nunca vi porcarias iguais. Se tiver tempo tiro uma cópia de um deles e mando-t’a, que aqui não tenho a quem mostrá-los. Naturalmente há de dizer-me que está uma coisa muito bem feita, e eu ficarei satisfeito e direi a mim mesmo: — Que artista se perdeu!

O parágrafo acima, da carta ao amigo J. Pinto da Mota Lima Filho (1º de janeiro de 1926), documenta a eliminação física dos escritos juvenis de Graciliano Ramos, exceto dois contos de que se originaram, como depois se esclareceu, *S. Bernardo* e *Angústia*. Mas “A carta” e “Entre grades” porém, não se conservaram: destruídos? extraviados? Ignora-se⁵.

As cartas de Graciliano Ramos, além da dificuldade de toda carta pessoal, apresentam outra: o tom irônico. A cumplicidade com o destinatário dispensa o remetente de sinalizar com clareza que uma afirmação não deva ser tomada ao pé da letra. O trecho abaixo, carta ao mesmo amigo (2.4.1930), alude ao romance *Caetés*, escrito no período de 1925-1926, engavetado, e reescrito em 1930, por encomenda do editor Augusto Frederico Schmidt:

[...] imaginei que teu irmão ficaria satisfeito se ouvisse quatrocentas páginas que tenho na gaveta, excelentes, é claro, embora eu diga, por modéstia, que são ruins. Abri cerveja, fechei as portas. Tu compreendes. Sapequei uns dez capítulos (Deus me perdoe) e interrompi a execução. Passadas as vinte e quatro horas, o pobre homem, bastante comovido, pediu-me para ler o resto, acabar logo. Tentou agradar-me explicando o soviético. De nada lhe serviu o comunismo. Ataqueei-o umas três vezes. E o desgraçado, com suores frios, náusea, vômitos, aludia aos horrores do sítio, ao finado Rui Barbosa, à prisão, ao calvário, e outros perigos, e falava na esperança de ver os filhos. Coitado!

O texto não pode ser compreendido literalmente: está em questão a qualidade literária das “quatrocentas páginas” Contradizem-se o juízo do Autor e o efeito da leitura oral sobre o ouvinte compulsório: a ironia, a deformação caricatural da narrativa substitui a comunicação direta. Beira a alegoria, com reminiscências talvez de “A Chinela Turca” de Machado de Assis. A carta sugere comunidade de repertório com aquele destinatário, comunidade que autoriza a expressão oblíqua.

A tarefa de escrita de *S. Bernardo* vem narrada com grande riqueza de pistas de compreensão para o futuro leitor, em dezesseis das cartas a sua mulher, Heloísa de Medeiros Ramos, entre 20 de agosto e 5 de novembro de 1932 (p. 116-35).

Julgo que aqui neste quarto, sozinho, vou ficando safado. Têm-me aparecido idéias vermelhas. Anteontem abrequei a Germana num canto de parede e sapequei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda. Não tem importância. Isso passa. Vai sair uma obra-prima em língua de sertanejo, cheia de termos descabelados. O pior é que cada vez que leio aquilo corto um pedaço. Suponho que acabarei cortando tudo. (15 set., p. 121)

A supressão parece o procedimento fundamental do escritor. Quando o narrador Paulo Honório se refere a seu método de composição, dir-se-ia o próprio porta-voz de Graciliano Ramos: “extraio dos acontecimentos algumas parcelas; o resto é bagaço” Por isso, a narrativa exige do leitor aplicação particular. A parcela que se conservou resulta da seleção operada num texto de que só dispomos essas menções. A metonímia desse texto final vem indicada duplamente: na fala de Paulo Honório e nas cartas de Graciliano Ramos.

As emendas sérias foram feitas. O trabalho que estou fazendo é quase material: tolice, substituição de palavras, modificação de sintaxe. Mas tenho trabalhado demais: um dia destes estive com os meus bichos de *S. Bernardo* das seis da manhã à meia-noite, sem me levantar da banca. (8 out., p. 126)

6 RAMOS, Graciliano. “Jornais”, in *Linhas tortas*. Op. cit., p. 104-5.
7 A redação das cartas, em compensação, é freqüentemente apressada. Leia-se este exemplo, entre outros possíveis: “Estou escrevendo com rapidez elétrica para pegar o correio de hoje. Se você encontrar dificuldade para compreender isto, não me queira mal: é por causa da pressa” (27.10.1932, p. 134).

8 “Il nous faut peu de mots pour exprimer l’essentiel, il nous faut tous les mots pour le rendre réel.” ELUARD, Paul. *Les sentiers et les routes de la poésie*. 8e éd. Paris: Gallimard, 1954, p. 14.

9 Marx a Engels, 31.7.1865, in MARX-ENGELS. *Sobre literatura e arte*. 4ª ed. (Tradução de Albano Lima). Lisboa: Editorial Estampa, 1974, p. 78. (*) em inglês, no original.

Este artesanato é familiar a Graciliano Ramos. Experimentou-o no ofício de “foca” quando, em 1915, tentou o jornalismo no Rio de Janeiro, trabalho “um bocado duro” “Trabalho porque sempre se está melhor com a consciência quando se está ocupado” (carta de 26.8.1915, p. 64). Em crônica de 1937, descreve a tarefa do escritor:

Vejam o exercício a que ele [o escritor] se dedica. Senta-se e curva o espinhaço, encosta o nariz à mesa, afasta-se da realidade, move a mão direita. De longe em longe a esquerda se mexe para levar o cigarro à boca. Se se levanta, é para ir à estante olhar um volume.

Pode o menino chorar lá dentro: ele não ouve; podem matar gente ali perto: ele não sabe. Se estiver terminando um período e a apoplexia chegar, certamente a apoplexia esperará até que ele acabe o período.

Olha o mundo naturalmente, mas vive fora dele: para bem dizer está no mundo da lua⁶.

O vagar da produção garante ao leitor o zelo artesanal, que, na outra ponta, requer análoga dedicação de leitura. Adverte-se que o pormenor pode condensar insuspeitadas riquezas de sentido⁷.

Investido da responsabilidade de produzir uma obra para leitura da humanidade, presente e futura, diante do “monumento mais perene que o bronze” o escritor, seja o filósofo, seja o artista literário, adota outra postura. Não existe o acordo ou a cumplicidade comuns nas relações primárias. Torna-se essencial uma elaboração que supra os intervalos deixados pela carência desse referencial suplementar do tom e do gesto. Tampouco se pode contar com algum acordo prévio e universalmente aceito. Tudo se sustenta no bom uso das palavras, tecidas pela escrita. Como belamente se exprime Éluard, “Precisamos de poucas palavras para exprimir o essencial, precisamos de todas as palavras para torná-lo real”⁸

Outro depoimento, nesta mesma linha de consideração, vem de Karl Marx, que declara, numa carta a Engels, de 1865, quando redigia o primeiro livro d’*O capital*:

Não posso [...] decidir-me a enviar o que quer que seja, enquanto não tiver diante de mim todo o trabalho completamente acabado. *Sejam quais forem as insuficiências dos meus escritos* (*), têm, pelo menos, o mérito de constituírem um todo artístico completo. Só consigo isso não publicando nada enquanto o que escrevo não estiver *inteiramente acabado em cima da mesa de trabalho*.⁹

O *S. Bernardo* está pronto, mas foi escrito quase todo em Português, como você viu. Agora está sendo traduzido para brasileiro, um brasileiro encrascado, muito diferente desse que aparece nos livros da gente da cidade, um brasileiro de matuto, com uma quantidade enorme de expressões inéditas, belezas que eu mesmo nem suspeitava que existissem. Além do que eu conhecia, andei a procurar muitas locuções que vou passando para o papel. O velho Sebastião, Otávio, Chico e José Leite me servem de dicionários. O resultado é que a coisa tem períodos absolutamente incompreensíveis para a gente letrada do asfalto e dos cafés. Sendo publicada, servirá muito para a formação, ou antes para a fixação, da língua nacional. Quem sabe se daqui a trezentos anos eu não serei um clássico? Os idiotas que estudarem gramática lerão *S. Bernardo*, cochilando, e procurarão nos monólogos de seu Paulo Honório exemplos de boa linguagem. (1.º nov., p. 131).

O acabamento do romance se prolongaria: “as folhas estão cheias e não há mais lugar para fazer emendas. Se eu morresse hoje ninguém poderia ler aquilo” (5 nov., p. 134-5). É o último registro em carta. Depois disso, ainda temos o depoimento feito a pedido de João Condé, divulgado em 1949:

Finda a escrita, copieei-a, tentando suprimir-lhe excrescências e acessórios dispensáveis. Houve, pois, três redações: uma, completamente abandonada, em 1924, duas em 1932. Esforcei-me em demasia por conseguir simplicidade.

Em novembro Paulo Honório me parecia mais ou menos apresentável¹⁰

Buscamos, nas cartas, indicação mais direta a respeito do modo como Graciliano Ramos avaliou a revolução de 1930 e o movimento paulista de 1932, ambos referidos numerosas vezes. No entanto, em tais referências, predomina a esfera particular, familiar, a que se subordinam as esferas da vida profissional e público-política¹¹.

No desenlace da história narrada naquele romance, são contíguas a morte de Madalena e a revolução de 1930. O tempo da narração, contudo, é posterior, e a distância precisa vem explícita na primeira frase do capítulo final: “Faz dois anos que Madalena morreu, dois anos difíceis”

Dois anos proporcionam prazo suficiente para Paulo Honório avaliar os efeitos dos eventos de 1930. Para o fazendeiro, que combina a agricultura com embrião de agro-indústria, encarna o poder oligárquico e se apóia no governo da província, 1930 constituiu uma derrota: sofreu com a restrição do crédito, com a

10 “Os Romancistas Falam de seus personagens” Op. cit.

11 Distinção entre *oikos* (casa, espaço privado), *ágora* (praça, espaço público-privado) e *ecclésia* (assembleia, espaço público-público), proposta por CASTORIADES, Cornelius, “O indivíduo privatizado” *Le monde diplomatique*, fev. 1998, p. 23.

¹² Cf. a análise da derrota do tenentismo e da construção de nova frente das oligarquias, em São Paulo, em GOMES, Angela Maria de Castro, LOBO, Lúcia Lahmeyer e COELHO, Rodrigo Bellingrodt Marques. “Revolução e restauração: a experiência paulista no período da constitucionalização”, em GOMES, Angela Maria de Castro (Coord.) *Regionalismo e centralização política. Partidos e Constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 237-337.

¹³ STEINER, George. *Linguagem e silêncio* (Trad. de Gilda Stuart e Felipe Rajabally). São Paulo: Cia. das Letras, 1988, p. 28.

baixa dos preços dos produtos agrícolas, com a alta da moeda estrangeira. As relações mantidas com o poder destituído privou-o da cobertura política de que dispunha. Na esfera judiciária, o juiz que lhe fornecia sentenças favoráveis foi — note-se — não destituído, mas removido. Estes são fatos, independentes da subjetividade que os articula. Subjetivamente, percebe que, passada a efervescência inicial, a situação se acalma e estabiliza, e que tudo pode “voltar ao que era”

O ponto de vista autoral parece ver que a “Revolução” se deteve: depois de um desarranjo provisório das oligarquias, permitiu a restauração do mesmo sistema de exploração.

Com distância irônica, leva o jornalista conservador e subserviente aos interesses oligárquicos, Azevedo Gondim, um dos poucos que se conserva fiel a Paulo Honório, a expressar, antecipadamente, ainda em 1930, tempo da ação, a visão do movimento paulista como “contra-revolução” restauração ou novo arranjo dos poderes oligárquicos, local e nacionalmente¹²: “São Paulo havia de se erguer intrépido; em São Paulo ardia o fogo sagrado; de São Paulo, terra de bandeirantes, saíam novas bandeiras para a conquista da liberdade postergada” (*S. Bernardo*, cap. xxxiv).

Com certeza, os estudiosos ganharam com a publicação dessa parcela da correspondência particular de Graciliano Ramos. Mas todo ganho implica também em novas responsabilidades. Cabe-nos, agora — a advertência vale igualmente para a já antiga edição das “crônicas” de *Linhas tortas, Viventes das Alagoas*, bem como de *Alexandre e outros heróis*, que inclui a interessante *Pequena história da República* (1961) — redimensionar a produção daquele escritor, encontrar o lugar relativo de cada documento, os literários e os não literários, uns de alcance público, outros da esfera particular (como as cartas), estudar possíveis inter-relações.

Por fim, contra eventual pendor inquisitório, ainda encontrável, cumpre ter presente a advertência de George Steiner: “enquanto o policial ou o censor interroga o escritor, o crítico interroga apenas o livro”¹³.

Zenir Campos Reis é professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo e autor de *Augusto dos Anjos: poesia e prosa* [Ática, 1977] e da tese de doutorado *A antífona assimétrica: Augusto dos Anjos* [USP].

